



Chrys Chrystello*

Açores e Independência

“Até lá continuemos a fazer o que não temos feito, educar as pessoas, alertá-las para esta escravatura silenciosa que as amolece e adormece, repetindo ciclos ancestrais de feudalismo encapotado, anestesiada pelas riquezas que o turismo vai trazendo”

Imaginemos por um instante que os membros e simpatizantes da FLA - ACA eram um movimento generalizado, de largas camadas da sociedade, abarcando gente de todas as idades, em todas as ilhas, como em tempos idos da História recente já o foram.

Imaginemos que se fartaram da exploração colonial que os poderes de Lisboa e seus representantes na colônia há séculos exercem sobre os locais.

Imaginemos que o atual modelo de autonomia controlada, centralizada em Lisboa, constantemente torpedeada, ultrapassada e ignorada pelos “superiores interesses da Nação” estava – de facto – esgotado.

Imaginemos que tínhamos uma população culta e letrada, em vez da pequena elite dominante agarrada a pequenas mordomias como é o caso, com a vasta maioria mais interessada em manter privilégios de subst-dios, em vez de trabalhar, vítima da conspiração consumista que a manietta.

Imaginemos que a deriva europeia e a rápida islamização europeia estavam mais adiantadas e que a solidariedade para com o arquipélago se mantinha ao

nível da esmola, enquanto o povo português (também ignorante e iletrado, mesmo com canudos e sendo doutores) continuava a pensar que devíamos largar os Açores e os açorianos, uns chulos que só sugam as riquezas de Portugal.

Imaginado este cenário se tivéssemos um líder – mais ou menos populista – capaz de catapultar a turbamulta (a malta como o outro lhe chamava) e fazia um referendo, vocês acreditam por um só instante que não éramos calados pela força bruta da repressão militar? Imaginado isto, voltemos à realidade.

Temos uma população apática e abúlica, uns tantos saudosistas e outros mais novos, sonhadores, mas a menos que haja uma revolução de mentes cataclísmica, seremos uma pequena elite libertária, sem representação nem força popular, uma franja da sociedade que nem chega a ser incómoda para o poder instituído. O povo açoriano não reúne as condições de se emancipar, enquanto continuar pobre, iletrado, subsidiado dependente, conformado, desapegado de

uma consciência cívica (a consciência nacional açoriana), a quem o fogacho independentista de alguns intelectuais, escritores e outros, pouco e nada diz. Infelizmente é isto que temos e não mudará nos meus dias, embora se a Terra ainda existir, eu acredito piamente que, em futuro afastado e longínquo, nos sublevaremos e libertaremos do jugo colonial de Lisboa (quando o Belenenses tornar a ser campeão de futebol, por exemplo).

Até lá continuemos a fazer o que não temos feito, educar as pessoas, alertá-las para esta escravatura silenciosa que as amolece e adormece, repetindo ciclos ancestrais de feudalismo encapotado, anestesiada pelas riquezas que o turismo vai trazendo, sem se lembrar que basta a *Ryanair* ir à falência e o turismo morre... e quando isto escrevi isto há 3 anos não se imaginava o Covid.

* Jornalista, Membro Honorário Vitalício n.º 297713 [Australian Journalists' Association] MEEA]



Hernâni Bettencourt*

Um discurso marcante para uma missão hercúlea

O Presidente Vasco Cordeiro fez, em dia de evocação do sentir Açores, um discurso marcante. Pela genuinidade. Pela lucidez da análise. Pela humildade na atribuição do mérito ao Povo Açoriano. Pela afetividade que ecoa das suas palavras e expressões. Pela esperança. Pelo futuro. E, acima de tudo, pela confiança que incute na esmagadora maioria do Povo Açoriano. Por maior que sejam as dificuldades e obstáculos, e já foram vários os que surgiram neste quase meio século de Autonomia, a verdade é que os Açorianos sabem que podem contar sempre com o seu governo na primeira linha da defesa intransigente dos seus concidadãos. E assim tem sido nestes últimos 8 anos sob a batuta do Presidente Vasco Cordeiro. E assim foi durante a chamada primeira fase da pandemia. E assim continuará, uma vez que a pandemia apenas será vencida com o surgimento da tão desejada vacina. Agora seguir-se-ão – sendo que já estão à vista – os efeitos e ondas do travão a fundo provocado pelo confinamento e do fechar de portas ao exterior. Por isso, será preciso continuar a acudir e dar resposta aos milhares de Açorianos vítimas da pandemia. Esse é o desafio para os próximos (longos)

tempos. Na Região. Na República. Na Europa. E no mundo todo. As entidades europeias apontam para uma forte retração e, consequentemente, para tempos de recessão económica. O governo da República, por exemplo, estima uma redução do PIB próxima dos 7% e um aumento do desemprego para valores próximos dos 10%. Nos Açores, tendo em conta a dimensão da nossa economia e a forte dependência de mercados externos, prevê-se que a tempestade económica seja de elevada intensidade. Foi, também, essa mensagem de verdade que o Presidente Vasco Cordeiro nos transmitiu. Logo seguida do dizer presente à missão que se avizinha. Missão que vai muito para além de Santa Maria ao Corvo. A Europa, o Estado e os Açores, cada um na sua devida proporção, têm pela frente uma missão hercúlea. Para já, os sinais dados pelos poderosos da Europa são animadores. Esperemos é que a já anunciada “bazuca” financeira seja suficiente e rápida para reanimar a economia da zona euro. As instituições europeias têm aqui um papel central, sendo que deverão ser secundadas pelos líderes de cada um dos países. No caso português, tal como em outros, temos ainda de acrescentar os

governos próprios das respetivas regiões autónomas. E será no meio desta enorme complexidade institucional e financeira que ter-se-á de fazer ouvir o nosso Presidente. Quer enquanto Presidente dos Açores, quer enquanto Primeiro Vice-Presidente e futuro Presidente do Comité das Regiões na União Europeia. Em qualquer um dos palcos terá de estar no centro a Política de Coesão. No plano interno, teremos isso refletido na Agenda para o Relançamento Social dos Açores. É este o documento – resultante da união de esforços, pluralidade de opiniões, abertura à participação dos parceiros sociais e cidadãos individualmente – que servirá de farol para ultrapassarmos, em conjunto, mais este desafio. A missão que temos pela frente, como disse o Presidente, convocamos a todos. O objetivo é dramaticamente simples: reerguer os Açores. A hora, como também referiu Vasco Cordeiro, “não é de desânimos, de desalentos, de medos ou de hesitações.” A hora, acrescento eu, é de dar força e confiança a quem já se comprometeu a “pôr de pé” a Região.

*Jurista